

# Para “apreender” a experiência estética: situação, mediações e materialidades<sup>1</sup>

Jorge Cunha Cardoso Filho

**Resumo:** O artigo aponta a análise de três dimensões constitutivas da forma de apreender a experiência estética no campo da comunicação: a situação, as mediações sociais e as materialidades. Demonstra que, a partir da exploração analítica desses três elementos, é possível identificar competências pragmático-performativas que são sintomas da experiência estética. Tais competências se manifestam expressivamente e, portanto, se constituem como objeto privilegiado de estudo para a Comunicação.

**Palavras-chave:** experiência estética; comunicação; competências pragmático-performativas

**Abstract:** For “grasping” the aesthetic experience: situation, mediations and materialities. The article aims at the analysis of three constitutive dimensions as forms to grasp the aesthetic experience in the field of Communication: the situation, the social mediations and materialities. It demonstrates that – from the analytic exploration of these tree elements - it is possible to identify pragmatic-performative skills that are symptoms of the aesthetic experience. Such skills are expressively manifested expressively and, therefore, constitute a privileged object of study for Communication researchers.

**Keywords:** aesthetic experience; communication; pragmatic-performing skills

## Por que apreender o efêmero

Quando Heráclito afirma a impossibilidade de um mesmo homem banhar-se duas vezes num mesmo rio, ele está demonstrando empiricamente sua tese sobre o movimento. Uma vez que tanto homem quanto rio se transformam a todo o momento, não será o

1 - Agradecimentos especiais a Eduardo Yamamoto, que relatou uma versão inicial desse artigo no GT de Comunicação e Experiência Estética da COMPÓS, 2011, e a todos os colegas que participaram do debate.

mesmo homem que se banhará no mesmo rio, mas sempre outro homem num outro rio. Essa formulação pode ter levado à crença de que, dada a efemeridade do processo, não haveria motivos para tentar apreendê-lo.

A efemeridade dos encontros entre “homem” e “rio” não precisa ser sinônimo de pobreza. Ao contrário, quando se percebe que um determinado encontro é irrepetível, abre-se a possibilidade de gozar a singularidade de cada encontro entre “homem” e “rio” de modos ricos e interessantes. Modos que não se tornam uma bagagem fixa, mas que podem ser transformados à medida que encontros com outros “rios” se estabelecem. Que interessante seria captar, então, as singularidades desses encontros!

Obviamente, os pré-socráticos não estavam preocupados com o fenômeno da experiência estética (em sua maioria, eram filósofos da natureza), mas a frase de Heráclito é bastante esclarecedora no que se refere à importância do estudo do movimento. Se observarmos especificamente o campo da Comunicação, perceberemos que, nos últimos dez anos, uma preocupação cada vez maior com os processos e menor com os produtos vêm se configurando – e expressões como “deslocamentos”, “trânsitos”, “errância”, “fluxos”, “nomadismo” e outros, são exemplos dessa preocupação.

No que se refere aos estudos de uma “Estética da Comunicação”, parece uma tendência assumir que a configuração social atual desloca o cerne das reflexões das artes para a experiência, do produto para o processo (SEEL, 2003; GUIMARÃES, 2006; BRAGA, 2010). Desse modo, instigado por essa tendência, parto para o desenvolvimento de um aparato metodológico conveniente e afim em relação às formulações do programa mínimo de pesquisa para estudiosos preocupados com o fenômeno da experiência estética: “esforços de natureza aplicada, para delinear e testar operadores que metodologicamente viabilizariam estudos específicos e pontuais” (LEAL *et al.*, 2010, p. 09).

O presente artigo trata, portanto, de aspectos relacionados ao âmbito teórico-metodológico da discussão acerca da experiência estética no campo da Comunicação. Consiste em questionar as possíveis formas de apreender a experiência estética por um ponto de vista da Comunicação e deduzir, a partir da identificação de práticas, as transformações no que concerne à sensibilidade. Os sintomas dessas transformações são aqui denominados competências pragmático-performativas, uma vez que encerram não apenas repertório de saberes, mas, muitas vezes, de saberes-em-ação. Esses saberes-em-ação são dotados de força situacional e podem se reinventar na medida em que são acionados.

## **Da efemeridade à duração: a experiência deixa marcas**

Por mais efêmeros que sejam esses encontros estéticos, o senso comum lhes faz referência, o que indica que, de algum modo, tais encontros deixam marcas. “Aquela tempestade”, “aquela ruptura de amizade” são todos exemplos citados por John Dewey (2005)

para se referir à característica marcante desses encontros estéticos. Mas não é apenas no sujeito que as marcas desse encontro se evidenciam. Elas também marcam o ambiente, o contexto no qual o encontro estético se efetivou. Ficam impressas, nesse ambiente, como pegadas na areia. Tornam-se expressões que podem, portanto, ser acessadas por outros.

Da própria efemeridade emerge, desse modo, uma possibilidade de duração. Se a singularidade dos encontros é gozada em sua plenitude, de tal maneira que marque tanto o agente quanto o contexto no qual ele está inserido, há sempre a possibilidade de evocar as características daquele encontro particular e irrepetível a partir dos indícios ali deixados. Esses indícios podem, inclusive, se tornar material para encontros posteriores, de modo que uma aproximação com as caracterizações dadas à experiência pelo pragmatismo norte-americano se estabelece.

Constituindo-se como uma filosofia eminentemente prospectiva, voltada para o futuro, o pragmatismo encara não apenas a verdade, mas também a realidade, o mundo, como algo inteiramente maleável, à espera de receber sua forma final por nossas próprias mãos. Afinal, quando somos nós mesmos a dar forma à nossa verdade e à realidade, essa forma sempre nos é benéfica (POGREBINSCHI, 2006, p. 128).

Experiência é o conceito fundamental do pragmatismo, seja nas formulações de Charles S. Peirce, William James ou John Dewey (POGREBINSCHI, 2006). Entretanto, como cada autor emprega o termo de um modo específico, nos limitaremos aqui a expor as proposições de Dewey, o qual possui maior afinidade com as proposições peirceanas, sobretudo no que se refere à necessidade de experimentalismo. A este processo Dewey chama investigação (também conhecido como inquérito), que garante à experiência uma comprovação asseverada. Para o autor, o termo experiência vai designar a interação constante e necessária estabelecida entre um organismo e o ambiente, a qual não é de caráter exclusivamente simbólico, mas, sobretudo, uma característica físico-natural.

Impulsões são o início da experiência completa porque elas provêm de uma necessidade; uma fome e demanda que pertencem ao organismo como um todo e que pode ser satisfeito apenas a partir da instituição de relações definitivas (relações ativas, interações) com o ambiente. A epiderme é apenas o mais superficial modo de indicação sobre onde o organismo acaba e o ambiente começa (DEWEY, 2005, p. 61. Tradução nossa).

Essa afirmação indica que, para Dewey, a experiência não pode ser nem consciência, nem somente conhecimento, mas é tudo que pode ser experimentado por uma criatura na relação com o ambiente. A experiência é, então, o campo possível de toda pesquisa e projeção racional de futuro (ABBAGNANO, 2007). Mais adiante, no texto de Dewey referenciado acima, o próprio autor explica:

A impulsão também encontra muitas coisas no seu irromper, que a deflete ou opõe-se a ela. No processo de conversão desses obstáculos e condições neutras em agências, a criatura viva torna-se ciente do conteúdo implícito na sua impulsão (DEWEY, 2005. p. 61, tradução nossa).

São esses obstáculos e condições neutras impostas pela situação à interação da criatura com o ambiente que contribuem para que os sentidos presentes naquela relação se elucidem, à medida que se convertem obstáculos e condições neutras em condições favoráveis ao desenvolvimento da experiência. Descrevendo a importância das contribuições trazidas por John Dewey para o debate sobre a experiência, César Guimarães e Bruno Leal afirmam:

Sendo “interação”, a experiência para Dewey certamente não é “etérea”, está implicada nas condições e nas dimensões concretas da relação do indivíduo com o ambiente e consequentemente não pode ser caracterizada por outro aspecto exclusivamente. Em outras palavras, isso significa que a “experiência” exige a mobilização sensorial e fisiológica do corpo humano; é ao mesmo tempo uma atividade prática, intelectual e emocional; é um ato de percepção e, portanto, envolve interpretação, repertório, padrões; existe sempre em função de um “objeto”, cuja materialidade, condições de aparição e de circunscrição histórica e social não são indiferentes (GUIMARÃES; LEAL, 2007, p. 06).

Ou seja, são essas mobilizações sensoriais e fisiológicas que revelam a experiência conduzida. Elas revelam a conduta adotada no processo de interação entre criatura e ambiente, o que permite o tratamento da experiência como algo não exclusivamente vinculado ao conhecimento, mas ligado à ação, inclusive à ação cotidiana. Dessa constatação duas consequências necessárias podem ser extraídas, a saber.

A primeira é que as interações constituem um “corpo de crenças presentes na cultura de uma sociedade e as relações que este mantém com as instituições e práticas sociais” (POGREBINSCHI, 2006, p.130), de modo que a experiência se conforma como algo impessoal. Essa dimensão impessoal da experiência é que possibilita entender a *conduta* (um poder-fazer e um saber-fazer) como a forma de apreensão mais interessante do vivido em cada experiência, possibilitando estudar não apenas o vivido em si mesmo, a *Erlebnis*, mas o vivido em comunidade, a *Erfahrung*, que é regulada por mediações simbólicas e condições materiais específicas.

A segunda é que a experiência não ocorre *em* um sujeito nem *a* um sujeito, mas *nas* situações. Isso decorre do fato de que “organismo e ambiente não são duas entidades, mas duas fases integradas de um só e único processo. O organismo não vive dentro de um ambiente, mas por meio de um ambiente” (OGIEN; QUERÉ, 2005, p. 38-39. Tradução nossa). O que implica reconhecer uma dimensão não-solipsista na concepção de experiência, ou seja, uma dimensão comunicativa.

A força explicativa desse entendimento da experiência reside na distinção promovida por Dewey (2005) entre experiência e “uma experiência”. Esta, segundo o autor, é dotada de um ordenamento e completude que não se verifica na experiência ordinária. Quando “uma experiência” se constitui, criatura e ambiente já não podem prescindir do encontro, nem do modo ordenado e completo como estabeleceram a interação. “Uma experiência” resulta da dinâmica particular da criatura com o ambiente, sendo, portanto, relacional, o que corrobora com a afirmação de Ogien e Queré sobre não se encontrar nem no sujeito (no sentido de que individualmente se tem experiência) nem no objeto (artefatos tão importantes que, pelo simples fato de observá-los, se adquire experiência).

O que garante essa possibilidade de relacionamento completo e ordenado entre ambiente e criatura é o equilíbrio entre *fazer* e *padecer* durante a relação. Dewey explica que tanto criatura quanto ambiente são instâncias de ação e paixão, tanto atuam quanto sofrem os efeitos das ações. À medida que agem, sofrem os efeitos das ações e o padecimento guia a realização das próximas ações. É nesse diálogo entre fazer e padecer que “uma experiência” pode se desenvolver.

As experiências ordinárias, por mais mecânicas e tediosas que pareçam, podem se tornar marcantes. Se a interação entre a criatura e o ambiente ocorrer de maneira ordenada e completa, mesmo essas situações mais comuns podem se converter em “uma experiência”. Ela marca e passa a compor o repertório do campo de experiências impessoal. Convertendo-se naquele “corpo de crenças” ao qual se referia Pogrebinschi (2006). Nesse sentido, “uma experiência” é sempre expressiva.

Isso corresponde a dizer que não é a experiência meramente psicológica que é “estética”, mas sua relação interacional ou comunicativa, o compartilhamento — o trabalho de objetivação da emoção sentida. Trabalho que, por sua vez, como expressão de relação entre pessoa e situação, é ainda “experiência vivida” (BRAGA, 2010, p. 83).

Como a experiência estética engloba o inesperado, a aventura e surgimento de elementos que reconstroem, total ou parcialmente, a experiência prévia é uma peculiaridade da perspectiva relacional da Comunicação que permite compreender o que emerge do encontro da criatura com o ambiente. Uma vez que pode haver qualidade estética em qualquer experiência ordinária, o problema a ser compreendido é: por quais motivos somente em algumas ocasiões essas qualidades estéticas se tornam explícitas?

## **Força situacional da experiência**

A forma de identificar se essa interação se desenvolve esteticamente é inquirir acerca da *situação* em que ela se desenvolve (cf. DEWEY, 1980). A explicação se dá, preliminarmente, a partir de um enunciado negativo, para depois ser articulada a um campo de ações possível, resultante das respostas adaptativas das criaturas na interação com o ambiente.

O que é designado pela palavra *situação* não é um objeto ou evento singular, ou um conjunto de objetos ou eventos. Pois nós jamais experienciamos nem formamos juízos acerca de objetos e de eventos isoladamente, mas apenas em conexão com um todo contextual. Esse último é que é chamado uma *situação* (DEWEY, 1980, p. 58).

Esse todo contextual impõe, sob certas condições, uma espécie de estímulo para o desenvolvimento de “uma experiência”. É nessa condição situacional que estão as bases para o desenvolvimento da experiência presente, anunciadoras de horizontes de expectativas. Não há dúvida de que Dewey (1980) concede à *situação indeterminada* (desordenadas, ambíguas etc.) a condição inicial básica para o desenvolvimento da experiência ou, como mais adiante vai chamar, da investigação.

A qualidade peculiar daquilo que impregna os materiais dados, e que faz deles uma situação, não é a incerteza de modo geral; é uma qualidade de incerteza única, que faz com que a situação seja precisamente a situação que é. É esta qualidade única que não apenas evoca a investigação particular envolvida, mas também exerce controle sobre seus procedimentos específicos (DEWEY, 1980, p. 59).

Esta incerteza não pertence a um sujeito, mas à situação. Ela se apresenta como problemática e o organismo busca se adaptar a essa situação indeterminada, mediante um conjunto de estratégias simbólicas. É nessa etapa da interação que a investigação toma curso: o problema é instituído. As etapas posteriores são as de determinação da solução do problema, do raciocínio e da operacionalidade dos fatos-significados. A nova situação ou expressão resultante é incorporada na relação com as situações familiares já experienciadas. Isso significa que, por mais inovadora e estranha que uma situação ou expressão possa parecer, ela não possui sentido inaugural ou final, pois sempre se consoma em relação a um campo de experiências progresso, familiar e impessoal, o qual constringe ao mesmo tempo em que dinamiza a investigação.

A determinação de uma situação desordenada é provisória, na medida em que outros podem interagir com ela de maneira tensiva e instaurar novas relações, se apropriando de experiências diferentes. Como explica Shusterman sobre a proposta de Dewey:

Sua teoria instrumental do saber considera que o objetivo final de toda a pesquisa científica ou estética é, não a verdade ou o saber em si mesmos, mas uma experiência melhor ou a experimentação de um valor (...). Segue-se ainda que os valores estéticos nunca podem ser fixados de maneira permanente pela arte ou pela crítica, mas devem ser continuamente testados e experimentados, podendo ser revertidos pelo tribunal das percepções estéticas transitórias (SHUSTERMAN, 1998, p. 249).

Nesse sentido, a força da situação está justamente na sua transitoriedade, constituída por componentes internos – as hierarquizações das impulsões e condutas – e componentes

externos – seleção e interpretação das condições objetivas da ação (OGIEN; QUERÉ, 2005). Para Dewey, a situação se constitui como algo objetivo.

Essa objetividade da situação pode ser constatada pelo fato de que as conclusões alcançadas e valores instituídos, a partir dos desenvolvimentos das experiências, tornam-se materiais brutos para as próximas investigações. Todos os valores e conclusões são encarados como “sumários de investigações e testes anteriores, de modo que estão sujeitos a revisões que venham a ser requeridas por novas investigações” (POGREBINSCHI, 2006, p. 128).

Em termos expressivos, é como se aquela criatura empenhada em interagir com o ambiente, de modo completo e ordenado, se colocasse em relação aos limites do ambiente (sejam históricos, sociais, econômicos, tecnológicos, etc.) e à sua própria impulsão, de forma a se apropriar de qualquer matéria, qualquer material ou tema que lhe pareça estimulante, transformando-os na substância de uma nova experiência.

Os limites impostos pela situação são constituídos pelas qualidades substantivas do ambiente (ou seja, suas materialidades) e pelas mediações sociais. Nesse sentido, as proposições de Martín-Barbero (2001) e Gumbrecht (2004) contribuem para circunscrever de forma mais precisa os componentes situacionais da experiência.

## As mediações e materialidades

O entendimento das mediações como uma forma de uso social dos meios é o que permite o retorno às questões particulares dos variados processos de mediação com o social, das quais os meios de comunicação de massa são uma ocorrência recente. Afinal, compreender as formas de mediação com o simbólico não implica, necessariamente, fazê-lo sempre pelo viés da mediatização. Os meios de comunicação são apenas uma das forças que participam dos processos de agenciamento cultural e político, não a força exclusiva.

A principal contribuição de Martín-Barbero para estabelecer os elementos constituintes da situação emerge da construção do seu “mapa noturno das mediações”, uma tentativa de incorporar as complexidades e apreender, com maior eficácia, os tipos de transformações de valores e sentidos que estão a ocorrer.

Propomos então um mapa que se movimenta sobre dois eixos: um diacrônico, ou histórico, de larga duração – tensionado entre as *Matrizes Culturais* (MC) e os *Formatos Industriais* (FI) –, e outro sincrônico, tensionado pelas *Lógicas de Produção* (LP) em sua relação com as *Competências de Recepção ou Consumo* (CR). Por sua vez, as relações entre MC e as LP se acham mediadas por diferentes regimes de *Institucionalidade*, enquanto as relações entre as MC e as CR estão mediadas por diversas formas de *Socialidade*. Entre as LP e os FI medeiam as *Tecnicidades*, e entre os FI e as CR, as *Ritualidades* (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 230).

De fato, sob essa perspectiva, as situações que regulam o desenvolvimento da experiência não podem deixar de ser pensadas a partir dos modos como se organizam os regimes de institucionalidade, socialidade, tecnicidade e ritualidade. Há condutas perante objetos de arte, por exemplo, que parecem dependentes de certas ritualidades (como a forma de comportamento numa ópera, por exemplo), assim como há modelos de institucionalidade que, à primeira vista, legitimam os discursos sobre uma teoria institucional da arte, (DICKIE, 1997). O que possibilita essas diferentes formas de desenvolvimento são as mediações sociais predominantes a partir das quais a experiência emerge.

Ainda assim, o mapa “noturno” das mediações proposto por Martín-Barbero (2001) não garante, por si só, a identificação dos diferentes níveis de constrangimento que as mediações exercem no desenvolvimento da experiência. Isso porque mesmo em eixos diferenciados, os pontos do mapa noturno estão sempre em um *plano* e essa planificação impossibilita apreender o volume da experiência.

É como se mediações sociais atuassem numa superfície plana e a partir daí interferissem na erupção da experiência. A questão, entretanto, é que a experiência irrompe não apenas pelo rearranjo das mediações sociais desse mapa planejado, mas também pelos abismos existentes entre as institucionalidades e tecnicidades, que podem inibir a inventividade da experiência. Pensar as possibilidades de intervenção dos sujeitos inseridos nesse mapa de mediações, bem como as reconfigurações dos mapas decorrentes dessas ações, fica então restrito por essa negligência aos “relevos” que constituem o mapa, ou seja, pela negligência aos aspectos volumétricos da experiência.

Na medida em que a experiência se desenvolve na relação da criatura com o ambiente, torna-se fundamental dotar esses entes de espacialidade. Ambos, criatura e ambiente, podem ser pensados como *media*, a interagir e promover erupções de experiência. O retorno aos meios, *das mediações aos meios*<sup>2</sup>, não foi realizado por Martín-Barbero (2001) para pensar esses aspectos condicionantes da dinâmica da experiência, mas sim por estudiosos da hermenêutica filosófica, na Alemanha.

Ora, as relações estabelecidas nos variados pontos do mapa das mediações emergem graças a aspectos materiais (características do *medium*, mediáticas, portanto) que favorecem a produção de alguns objetos e não outros; ao desenvolvimento de determinados formatos tecnológicos e não outros; às práticas de competências de recepção específicas e não outras. O mapa noturno das mediações de Martín-Barbero (2001) deveria, assim, ser revisitado e radicalizado à luz das concepções de autores preocupados com essas dimensões materiais da cultura, como o próprio Martín-Barbero (2001) parece sugerir ao tocar nas reflexões de Benjamin sobre o *sensorium* de massa.

---

2 - Martín-Barbero narra, no prefácio da segunda edição brasileira de *Dos meios às mediações* (prefácio da quinta edição castelhana), que recebeu vários convites para escrever um livro, o qual fizesse exatamente esse movimento de retorno aos meios, mas que a desconfiança nos motivos de uma tal proposição – ou a de levar em conta os meios na construção das políticas culturais ou a de legitimar a onipresença mediadora do mercado, a partir dos meios – o levou a atualizar o conteúdo do livro, tentando responder a tais questionamentos.



Esse grupo de intelectuais, já desconfiado do predomínio dos métodos da hermenêutica no panorama alemão e do tratamento imaterial concedido à cultura, conduz suas reflexões por outros domínios.

Uma contribuição significativa foi dada por Erick Felinto e Víncius Andrade (2005) no mapeamento de autores que entendem o corpo como um objeto central da reflexão sobre a cultura, divorciado do espírito e com todas as inscrições que sofre nas relações com o poder e com os aparatos tecnológicos. Segundo eles, a virada propositiva dos teóricos preocupados com o aspecto material da experiência concede uma dimensão menos marcada pelo antropocentrismo, antitecnologismo e transcendental à cultura<sup>3</sup>. Como não percebem, ainda, uma forma segura de sistematizar metodologicamente o campo que se abre, sugerem acompanhar os desenvolvimentos investigativos de teóricos sensíveis a esse aspecto material.

Simmel, Kracauer e Benjamin se inscrevem como precursores do pensamento da materialidade por partilharem essa visão que tão importante quanto os *sentidos/significados* sugeridos por uma cultura, são os choques, as sensações, as afetações perceptivas, corpóreas, enfim, materiais, que essa mesma cultura promove através de diferentes meios e tecnologias, produzindo transformações corpóreas importantes (FELINTO; ANDRADE, 2005, p. 88).

Assim, o mapa “noturno” das mediações pode ser amparado por um mapa “de relevo” das materialidades, que concederia maior volume e tridimensionalidade à apreensão da experiência, na medida em que cada um dos aspectos das mediações se encontra em “níveis”, por vezes, incompatíveis ou em planos diferenciados. Como toda experiência tem profundidade, uma ampliação dessa magnitude permitirá um estudo detalhado da experiência, em suas variadas particularidades, delineada tanto pelos aspectos das mediações sociais quanto pelos contatos materiais entre os *media*.

Para identificar características das interações que são instituídas pelos *media*, o que Kittler (1990) chama de sistema de notação, é necessário, em primeiro lugar, identificar os aparatos que possibilitam o armazenamento, transmissão e reprodução de certos objetos/conteúdos e não outros. O foco é a prática e não os conteúdos, uma vez que os conteúdos são possíveis graças às estruturas materiais, que são anteriores ao sentido.

Em segundo lugar, identificar os “ruídos” trazidos pela medialidade daquela prática. Trata-se de efeitos abrangidos pelas características físicas dos *media*, que podem impor à prática certo padrão, um elemento tonalizador da experiência. Por fim, é necessário observar o corpo como o âmbito de convergência das práticas culturais, também como um *medium*, conformado e reformado pelo sistema de notação no qual está inserido.

3 - Esse tipo de tratamento da cultura garantiu a formulação de um conjunto de propriedades que todas as coisas possuiriam em comum, independente das diversidades genéricas ou mesmo materiais que essas coisas possuísem. Na filosofia moderna, concluiu-se que o transcendental estava relacionado ao próprio modo como o sujeito conhecia os objetos. Certamente, essa conclusão contribuiu para dotar o conceito de cultura dessa dimensão espiritual – independente das suas formas materiais.

A proposição de Kittler indica os modos como os choques proporcionados pelas relações entre o “assim chamado Homem” (“so gennanten Menschen”, termo usado pelo próprio autor) e os *media* geram padrões de prática, orientados, sobretudo, pelas características materiais da relação desenvolvida.

Como condição de possibilidade da produção de sentido, a materialidade traz consigo pressuposição e indução de habilidades, competências específicas que não são meras ações psicológicas, mas conjuntos de práticas e condutas que se desenvolvem nas interações, por meio de avisos fornecidos pelos objetos expressivos predecessores e pelos contextos de surgimento. Nesse sentido, as materialidades da comunicação anunciam competências diferentes em variados contextos, uma vez que “as condições concretas de articulação e transmissão de uma mensagem influem no caráter de sua produção e recepção” (ROCHA, 1998, p. 18).

Estabelecendo um diálogo entre as mediações sociais e as qualidades materiais da situação, a investigação ganha amplitude suficiente para incorporar novos elementos, que venham a ser desenvolvidos ou que participem da dinâmica de conformação *da* experiência, bem como oferece possibilidade de tematizar os aspectos singulares que se configuram *na* experiência. Transitar pelas mediações e materialidades para estudar a experiência significa radicalizar as reflexões de Martín-Barbero, tanto a partir dos elementos presentes na sua tese quanto dos elementos aí somente anunciados. Mais importante, significa desenvolver um procedimento analítico de apreensão das possíveis experiências estéticas.

Partindo de um mapa de mediações e materialidades, a proposta de investigação da experiência estética numa perspectiva comunicacional ganha contornos mais precisos. As mediações sociais e suas qualidades materiais específicas conferem à situação uma condição determinada, condição de possibilidade da experiência estética se manifestar.

Por sua vez, as práticas, que se desenvolvem em função da experiência, revelam programas de produção/recepção predominantes, ou seja, revelam competências pragmático-performativas (SEEL, 1985) hegemônicas, que são acionadas na interação daqueles que percebem e vivem a experiência com os mais diversos objetos e/ou fenômenos. Esse aspecto pragmático-performativo concorre, muitas vezes de forma conflituosa, com o aspecto cognitivo-proposicional da experiência – o que explica o descompasso entre ações desenvolvidas durante o encontro estético e declarações concedidas após esses mesmos encontros. O primeiro aspecto parece ser um sintoma mais fiel daquela experiência irrepetível, enquanto o segundo pode servir para apresentar esquemas interpretativos empregados para dar conta das experiências.

A adoção de uma atitude em relação ao objeto acarreta três implicações: 1) a adoção de uma regra que, à maneira de uma resposta prática, guia nosso comportamento frente aos objetos (orientação volitiva); 2) a pressuposição de razões que guiam nossa forma de agir (orientação cognitiva); 3) uma disposição emotiva diante dos estados de fato a que a atitude se refere (orientação afetiva) (GUIMARÃES, 2006, p. 15).

Isso implica que essa competência pragmático-performativa que emerge pode ser circunscrita como manifestação concreta da experiência estética, requisito tomado como fundamental por muitos estudiosos do tema (SEEL, 2003; DEWEY, 2005; BRAGA, 2010). Ela é, portanto, um sintoma da experiência estética. Retomando a leitura feita por César Guimarães (2006) do trabalho de Martin Seel, é possível afirmar que são essas competências pragmático-performativas que nos permitem identificar as características singulares das experiências e, desse modo, compreendê-las em suas respectivas complexidades.

Esse movimento garante a inserção da experiência estética num contexto específico de ação e comunicação e permite abordá-la a partir da rede de relações estabelecidas com as demais experiências, sobretudo às do cotidiano. Como articula aspectos já dados (pressuposições compartilhadas) sobre as particularidades daquele encontro estético, “permite alargar e corrigir uma pré-compreensão dada, ou ainda, introduzir de maneira provocadora, um ponto de vista desviante” (GUIMARÃES, 2006, p. 16).

## A perenidade da experiência

*Fiat ars, pereat mundus* (que seja arte, mundo perece)<sup>4</sup>. Essa expressão pode ser entendida como uma exaltação da possibilidade de *ter uma experiência*, como exposto por John Dewey, em contraposição às experiências cotidianas, que perecem. *Que seja arte*, portanto, é como um sinônimo de “uma experiência”, a qual só emerge graças a esse mesmo mundo “perecível”. Não há, portanto, oposição entre arte e mundo, experiência estética e experiência cotidiana, mas interdependência.

A perenidade da experiência reside na sua capacidade de perpetuação por meio das marcas e indícios disponibilizados, que serão tomados por outros agentes como matéria-prima de seus respectivos cotidianos. Por isso mesmo, a importância de apreender os aspectos singulares que emergem da relação entre diferentes agentes. Obviamente, quanto mais metodologicamente orientado, melhor condição terá o estudo de explicar as complexidades desse processo – pois muitas vezes a experiência se transforma, deriva de uma experiência primitiva.

Essa concepção em escalas evita tratar a experiência de forma dicotômica (na lógica da exclusão), uma vez que seus tons são garantidos por essa possibilidade de matização entre a intensidade e o resgate de um sentido que se faz presente por meio de uma expressão. É a partir desse valor expressivo que a experiência pode ser partilhada. Uma partilha que não ocorre necessariamente por meio de proposições, mas, muitas vezes, a partir de práticas semelhantes, perpetuadas e reinventadas.

---

4 - Citação com a qual Walter Benjamin (2007) inicia o último parágrafo do seu ensaio sobre a obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. Para o autor ela descreve exatamente o modo como o fascismo lidava com a política: pelo prisma da estetização.

## Referências

- ABBAGNANO, N. (2007). *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BENJAMIN, W. (2007). *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit* (mit Kommentar von Detlev Schöttker). Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.
- BRAGA, J. L. (2010). Experiência estética & mediatização. In: LEAL, B. et al. (Org.). *Entre o Sensível e o Comunicacional*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, p. 73-87.
- CARDOSO FILHO, J. (2009). As materialidades da canção midiática: contribuições metodológicas. *Revista Fronteiras*, v. 11, p. 80-88.
- DEWEY, J. (2005). *Art as experience*. 3. ed. New York: Perigee Books.
- \_\_\_\_\_. (1980). Lógica: a teoria da investigação In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- DICKIE, G. (1997). *Art circle: a theory of art*. Chicago: Chicago Spectrum Press.
- FELINTO, E.; ANDRADE, V. (2005). A vida dos objetos: um diálogo com o pensamento da materialidade da comunicação. *Contemporânea*, v.3, n.1, p. 75-94.
- GUIMARÃES, C.; LEAL, B. (2007). Experiência mediada e experiência estética. *Anais da XVI COMPÓS*. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná. Disponível em: <<http://www.compos.org.br>>. Acesso em: 20 set. 2007.
- GUIMARÃES, C. (2006). O que ainda podemos esperar da experiência estética? In: GUIMARÃES, C. et al. (Org.). *Comunicação e Experiência Estética*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- GUMBRECHT, H. U. (2004). *Production of Presence: what meaning cannot convey*. Stanford: Stanford University Press.
- KITTLER, F. (1990). *Discourse networks 1800/1900*. Stanford: Stanford University Press.
- LEAL, B.; MENDONÇA, C.; GUIMARÃES, C. (2010). Experiência estética e comunicação: a partilha de um programa de pesquisa. In: LEAL, B. et al (Org.). *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MARTIN-BARBERO, J. (2001). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola.
- OGIÉN, A.; QUERÉ, L. (2005). *Le vocabulaire de la sociologie de l'action*. Paris: Ellipses.
- POGREBINSCHI, T. (2006). Será o neopragmatismo pragmatista? Interpelando Richard Rorty. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 74, p. 125-138.
- ROCHA, J. C. (1998). A materialidade da teoria. In: ROCHA, J. C. (Org.). *Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- SEEL, M. (2003). *Ästhetik des Erscheinens*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, .
- \_\_\_\_\_. (1985) *Die Kunst der Entzweigung*. Zum Begriff der ästhetischen Rationalität. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag.
- SHUSTERMAN, R. (1998). *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. São Paulo: Editora 34.

Jorge Cunha Cardoso Filho é professor do Centro de Artes, Humanidades e Letras – da Universidade do Recôncavo da Bahia (UFRB) e doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio sanduíche na Goethe-Universität, Frankfurt am Main, Alemanha.

cardosofilho.jorge@gmail.com

*Artigo recebido em agosto  
e aprovado em outubro de 2011.*